

UMA PRAIA, UMA COVA NA AREIA,  
UM HOMICÍDIO TERRÍVEL...  
VINTE ANOS DEPOIS, O CRIME VEM À SUPERFÍCIE.



MARÉ  
VIVA

CILLA E ROLF BÖRJLIND

AUTORES BESTSELLERS INTERNACIONAIS

TOP  
SEL  
LER

## Finais do verão de 1987

**E**m Hasslevikarna, nas enseadas da ilha de Nordkoster na costa oeste da Suécia, perto da fronteira com a Noruega, a diferença entre a maré alta e a maré baixa é geralmente de cinco a dez centímetros, exceto quando há marés vivas. Esse fenómeno ocorre quando o Sol e a Lua estão alinhados com a Terra. Então, a diferença é de quase 50 centímetros. Uma cabeça humana mede aproximadamente 25 centímetros de altura.

Naquela noite, haveria maré viva.

---

De momento, a maré estava baixa.

A lua cheia sugara o relutante mar muitas horas antes, deixando à vista uma vastidão de areia húmida. Pequenos caranguejos reluzentes corriam de um lado para o outro pela areia, cintilando debaixo da glacial luminosidade azul. As lapas agarravam-se com tenacidade aos rochedos, dando tempo ao tempo. Todas as formas de vida expostas na orla marítima sabiam que a maré as banharia novamente.

Na praia estavam três vultos que também o sabiam. Sabiam até a hora certa a que isso aconteceria — dentro de 15 minutos. Então, as primeiras ondas suaves deslizariam e molhariam as partes já secas, e não tardaria a avançar a pressão do negrume ribombante, onda após onda, até a inundação da maré atingir o seu auge.

Uma maré viva; sinal de que a praia ficaria coberta por 50 centímetros de água.

Mas ainda lhes restava algum tempo. Escavavam um buraco, que estava quase concluído. Era fundo, com quase um metro e meio de altura,

e um diâmetro aproximado de 60 centímetros. Caberia lá perfeitamente um corpo. Apenas a cabeça ficaria descoberta. A cabeça de um quarto vulto. A cabeça da mulher que permanecia a alguma distância, imóvel, de mãos atadas.

Os seus longos cabelos escuros esvoaçavam delicadamente na brisa intermitente, o corpo despido resplandecia, o seu semblante estava inexpressivo, sem maquiagem. Os olhos espelhavam uma estranha ausência. Contemplava a escavação que se realizava um pouco mais adiante. O homem da pá retirou a lâmina curva do buraco, deitou a última pazada de areia para o monte ao seu lado e voltou-se. Tinha acabado.

---

Vista de longe, das rochas onde o rapaz se havia escondido, percebia-se uma estranha quietude na praia sob o luar. Aqueles negros vultos na areia, lá ao longe, do outro lado da praia, o que estariam a fazer? Ele não sabia, mas ouvia o rugido do mar a aproximar-se e viu a mulher despida a ser conduzida pela areia molhada, aparentemente sem oferecer resistência, e viu-a a ser enfiada num buraco. Mordeu o lábio inferior.

---

Um dos homens atirou areia para o buraco. O lodo gotejante assentou à volta do corpo da mulher como cimento húmido. Em breve, o buraco estaria tapado. Quando as primeiras ondas dispersas se acercaram da margem, apenas a cabeça da mulher estava de fora. Aos poucos, os seus longos cabelos foram ficando molhados e um pequeno caranguejo ficou preso numa madeixa escura. A mulher fitava a Lua, sem proferir palavra.

Os vultos recuaram um pouco, até às dunas. Dois deles pareciam nervosos, inseguros, mas o terceiro estava calmo. Observaram a solitária cabeça a espreitar da areia. E esperaram.

Quando a maré viva finalmente chegou, desabou com rapidez. A altura das ondas aumentava a cada afluxo, com a água a cobrir a cabeça da mulher, entrando-lhe pela boca e pelo nariz, enchendo-lhe a garganta. De cada vez que desviava a cabeça, uma nova onda embatia-lhe na cara.

Um dos vultos acercou-se dela e acocorou-se. Os olhares de ambos cruzaram-se.

Do ponto privilegiado onde se encontrava, o rapaz conseguia ver o nível da água a subir. A cabeça desaparecia e reaparecia, voltando a desaparecer. Dois dos vultos haviam desaparecido, e o terceiro percorreria o areal. Subitamente, ouviu um grito de fazer arrepiar. Fora a mulher enterrada quem gritara, histericamente. O som ecoou pela enseada pouco profunda e ressaltou na rocha onde o rapaz estava escondido, antes de a onda seguinte envolver a cabeça e abafar o grito.

Então, o rapaz desatou a correr.



A maré subiu e ficou serena, sombria e cintilante. Debaixo de água, a mulher fechou os olhos. A última coisa que sentiu foi outro pontapé no interior do seu ventre. Então romperam-se-lhe as águas.

## Verão de 2011, Estocolmo

**N**a verdade, Vera Zarolha tinha dois olhos saudáveis e um olhar capaz de fazer parar um falcão em pleno voo. Tinha uma visão excelente. Mas argumentava com a subtileza de um martelo pneumático. Começava por dar a sua opinião e depois atacava de modo a fazer com que quaisquer contra-argumentos caíssem por terra.

Zarolha. Mas adorada.

Agora, estava de costas voltadas para o ocaso, com os últimos raios de Sol a deslizarem pela baía de Värta, varrendo a ponte de Lidingö e chegando ao parque de Hjorthagen com intensidade suficiente para ainda criar uma elegante auréola à volta de Vera.

— É o meu *mundo*, é disso que se trata!

A paixão com que proferiu estas palavras teria causado boa impressão em qualquer reunião parlamentar, embora a voz roufenha talvez parecesse deslocada numa câmara do parlamento. E as suas roupas também — duas t-shirts encardidas de cores diferentes e uma saia de tule que já conhecera melhores dias. E estava descalça. Mas agora não se encontrava numa câmara parlamentar, mas sim num pequeno parque recôndito perto das docas de Värta, e o seu público era constituído por quatro sem-abrigo em diferentes estados, dispersos por uns bancos entre os carvalhos, freixos e arbustos. Um deles era Jelle, alto e de poucas falas, sentado como se estivesse no seu próprio mundo. Benseman estava sentado noutro banco e, ao lado dele, Muriel, uma jovem toxicodependente de Bagarmossen. Tinha ao seu lado um saco de plástico da cooperativa.

Arvo Pärt dormitava no banco defronte deles.

Nos confins do parque, escondidos por detrás de uns frondosos arbustos, estavam dois jovens agachados, envergando roupas escuras. Não desviavam o olhar dos bancos.

— É o meu mundo, e não o deles! Certo?

Vera Zanolha gesticulou para um ponto distante.

— Chegaram e bateram com os punhos na porta da *roulotte* e, assim que abriu a porta, lá estavam eles! Eram três! A olhar para mim! «O que vem a ser isto?», perguntei. «Somos da Câmara. Tem de tirar daqui a sua *roulotte*.» «Porquê?» «Vamos fazer obras.» «Para fazer o quê?» «Uma pista iluminada.» «Uma quê?» «Uma pista de atletismo, vai passar precisamente por aqui.» «Como assim? Eu não posso mudar de lugar! Não tenho carro!» «Infelizmente, esse problema não é nosso. Tem de tirar daqui a *roulotte* antes de segunda-feira.»

Vera Zanolha fez uma pausa para recuperar o fôlego e Jelle aproveitou para bocejar discretamente. Vera não gostava que as pessoas bocejassem quando estava a discursar.

— Não compreendem? Eram três tipos que pareciam saídos de um arquivo dos anos 1950, e a mandarem-me dar uma volta! Para que uns idiotas barrigudos pudessem ir queimar gorduras precisamente no sítio onde fica a minha casa? É claro que fiquei lixada, não?

— Pois.

Foi Muriel quem sibilou a resposta. Tinha uma voz assaz áspera, fina e dissonante, e nunca chamaria as atenções para si se não tivesse tomado a sua dose.

Vera afastou os cabelos avermelhados e finos, e retomou o discurso.

— Mas o problema não é a porcaria da pista de atletismo, o problema são todos aqueles gajos que andam por aí com os seus cãesinhos e que não gostam que uma pessoa como eu esteja aqui, nestes bairros chiques. Eu não me enquadro no mundo limpo e arrumado deles. O problema é esse! Eles estão-se a marimbar para nós!

Benseman inclinou-se um pouco para a frente.

— Mas sabes uma coisa, Vera, pode dar-se o caso de eles...

— Pois, vamos embora, Jelle! Anda!

Vera avançou dois grandes passos e deu uma cotovelada no braço de Jelle. Estava-se nas tintas para a opinião de Benseman. Jelle levantou-se, encolheu ligeiramente os ombros e foi atrás dela. No entanto, não sabia para onde iam.

Benseman franziu o sobrolho. Conhecia bem Vera. Com as mãos trémulas, acendeu uma beata amachucada e abriu uma lata de cerveja. Um barulho que despertou Arvo Pärt.

— Tem piada.

Pärt era um estónio de segunda geração, tendo os seus pais chegado à Suécia como refugiados durante a guerra. Tinha uma maneira de falar muito peculiar. Muriel observou Vera a afastar-se, depois voltou-se para Benseman.

— Bem, ela tem razão. Quando uma pessoa não se enquadra, eles querem-nos fora do caminho... não é assim?

— Sim, suponho que sim...

Benseman era do norte da Suécia, bastante famoso pelo seu aperto de mão exageradamente firme e pelo amarelo dos seus olhos, que pareciam ter sido marinados em vodca. Era um homem corpulento, com um distinto sotaque nortenho e um hálito azedo que exalava por entre os poucos dentes que tinha na boca. Numa vida anterior, fora bibliotecário em Boden, com uma enorme avidez por livros e um apetite igualmente desmesurado por bebidas alcoólicas. Apreciava de tudo, desde licor de amora-branca-silvestre aos produtos extremamente fortes de uma destilaria ilegal. Dez anos de alcoolismo haviam-lhe destruído por completo a vida social, tendo ele acabado por vir para Estocolmo numa carrinha roubada. Na capital, sobrevivera como pedinte e fazendo pequenos furtos em lojas, como um destroço que deu à costa.

Mas lera imenso.

— ... nós dependemos da caridade — disse Benseman.

Pärt anuiu e esticou o braço para agarrar a cerveja. Muriel pegou numa pequena bolsa e numa colher. Benseman não tardou a reagir.

— Não ias deixar essa porcaria?

— Hei de deixar!

— Quando?

— Um dia destes!

E deixou, logo de imediato. Não porque não quisesse uma dose, mas porque subitamente avistou dois jovens que se aproximavam deles pelo meio das árvores. Um deles trazia vestido um casaco de capuz preto e o outro, um verde. Ambos vestiam calças de fato de treino cinzentas, botas pesadas e luvas. Andavam à caça.

O trio de sem-abrigo não tardou a reagir. Muriel agarrou o seu saco de plástico e desatou a correr. Benseman e Pärt seguiram-na atabalhoadamente. De repente, Benseman lembrou-se da segunda lata de cerveja, que escondera atrás do cesto do lixo. Essa lata poderia fazer a diferença entre conseguir dormir um pouco e passar a noite em claro. Virou-se para trás e tropeçou acidentalmente diante de um dos bancos. O seu equilíbrio não era dos melhores.

Nem o tempo de reação. Quando tentou levantar-se novamente, levou um forte pontapé em cheio na cara e caiu de costas. O jovem de casaco preto permaneceu de pé ao lado dele. O amigo tinha pegado num telemóvel e estava a filmar.

Assim começou uma agressão de excepcional brutalidade, filmada num parque onde ninguém do exterior conseguia ouvir e onde apenas estavam duas testemunhas aterrorizadas, escondidas nuns arbustos bastante afastados. Muriel e Pärt.

Mas, mesmo de longe, conseguiam ver o sangue a escorrer da boca e da orelha de Benseman, e ouvir os seus gemidos abafados a cada pontapé que lhe desferiam na barriga e na cara. Uma vez e outra. E outra.

O que não conseguiram ver foi como alguns dos dentes que restavam a Benseman se enterraram na carne das bochechas, perfurando-a e saindo pelo lado oposto. Só conseguiram ver como o corpulento homem do norte tentou proteger os olhos. Os olhos que usava para ler.

Muriel chorou em silêncio e tapou a boca com a dobra do braço, cheia de cicatrizes. Todo o seu corpo macilento tremia. No fim, Pärt pegou na jovem pela mão e levou-a para longe daquele cenário repugnante. Não podiam fazer nada. Ou melhor, podiam chamar a polícia, isso podiam fazer, pensou Pärt, e arrastou Muriel o mais depressa que conseguiu em direção a Lidingövägen.

DEMOROU ALGUM TEMPO até o primeiro carro se aproximar. Pärt e Muriel começaram a gritar e a agitar os braços quando este se encontrava a uns 50 metros, o que fez com que o carro se desviasse para o meio da estrada e acelerasse, deixando-os especados.

— Malditos estupores! — gritou Muriel para o carro.

O condutor seguinte fazia-se acompanhar da mulher no lugar do passageiro, uma senhora bem arranjada com um bonito vestido escarlate. Apontou pelo para-brisas.

— Cuidado, não atropelas aqueles drogados; não te esqueças de que estiveste a beber.

Assim, também o *Jaguar* cinzento passou por eles a alta velocidade.

QUANDO UMA DAS MÃOS de Benseman se transformou numa massa ensanguentada, de tão calcada que fora, já os últimos raios de sol haviam



mergulhado na baía de Värta. O jovem que estava a filmar desligou a câmara e o outro pegou na lata de cerveja que Benseman escondera.

Depois, foram-se embora a correr.

Deixaram para trás o lusco-fusco e o enorme nortinho prostrado no chão. Agarrava debilmente a gravilha com a mão esmagada e tinha os olhos fechados. *A Laranja Mecânica*, o título do livro foi o último pensamento que passou pela cabeça de Benseman. Mas quem teria sido o autor? Então, a mão ficou inerte.

# 1

**O**s cobertores tinham deslizado, deixando-lhe expostas as coxas despidas. Uma língua áspera e quente percorreu-lhe a pele. Ela mexeu-se ensonada e sentiu cócegas. Quando sentiu uma pequena mordidela na coxa, sentou-se e afastou o gato.

— Não!

Não se dirigia tanto ao gato, mas mais ao despertador. Deixara-se adormecer e, para piorar as coisas, a pastilha elástica caíra da cabeceira da cama e colara-se-lhe aos compridos cabelos negros. Grande chatice.

Levantou-se da cama de um pulo.

Estava uma hora atrasada e isso poderia pôr em causa todos os seus compromissos da manhã. Teria de pôr à prova as suas capacidades para realizar várias tarefas ao mesmo tempo. Principalmente na cozinha: o leite para o café começou a ferver no mesmo instante em que a torrada começou a queimar e em que pisou uma poça de vomitado transparente de gato com o pé direito, que estava descalço, e recebeu um telefonema de um vendedor insuportavelmente insinuante que começou a tratá-la pelo nome próprio e lhe assegurou que não lhe iria vender nada, queria apenas convidá-la a participar num curso de consultoria financeira.

Uma chatice dos diabos, agora.

Olivia Rønning ainda estava sob tensão quando saiu de rompante pela porta para a Skånegatan, sem maquilhagem, com o cabelo comprido amarrado em algo que se assemelhava a um rabo de cavalo. O casaco de camurça claro desabotoado, deixando entrever uma t-shirt amarela por debaixo, ligeiramente puída em baixo, as calças de ganga pré-lavadas e umas sandálias usadas.

O dia estava soalheiro. Parou por instantes para decidir que caminho seguir. Por onde seria mais rápido? Pela direita.

Acelerou o passo e olhou de relance para os painéis publicitários à porta do supermercado:

### OUTRO SEM-ABRIGO ESPANCADO.

Olivia continuou a correr. Dirigia-se para o seu carro estacionado. Tinha de ir a Sörentorp, em Ulriksdal. À Academia de Polícia. Tinha 23 anos e frequentava o terceiro período. Dentro de seis meses poderia candidatar-se a estagiária numa esquadra de polícia do distrito de Estocolmo. Passados outros seis meses, seria agente da polícia.

Ofegante, chegou ao seu *Mustang* branco e pegou nas chaves. Herdara o carro do pai, Arne, que morrera de cancro quatro anos antes. Era um modelo descapotável de 1988, com estofos de couro vermelhos, caixa automática e um motor de quatro cilindros em linha que rugia como um V8. A menina dos olhos do seu pai durante muitos anos. Agora perencia-lhe. Não em perfeito estado. De vez em quando, era preciso colar o vidro de trás com fita adesiva, e a pintura tinha alguns defeitos, mas passava quase sempre na inspeção. Ela adorava aquele carro.

Com alguns movimentos simples, baixou a capota e sentou-se ao volante. Sentia quase sempre a mesma coisa: um cheiro, durante um ou dois segundos. Não era dos estofos, mas do seu pai: o interior do carro tinha o cheiro de Arne. Apenas durante dois segundos, depois desaparecia.

Ligou os auscultadores ao telemóvel, escolheu Bon Iver, rodou a chave na ignição, meteu uma mudança e arrancou.

As férias de verão estavam a chegar.



Já estava à venda uma nova *Situation Sthlm*, a revista dos sem-abrigo, edição número 166. Com a princesa Victoria na capa e entrevistas a Sahara Hotnights e Jens Lapidus. A redação, que ficava no número 34 da Krukmakargatan, estava apinhada de sem-abrigo a comprar os seus exemplares da nova edição. Podiam comprá-los por 20 coroas cada, metade do preço de venda a retalho nas ruas, e guardar a diferença quando as vendiam.

Um negócio simples. E fazia toda a diferença para muitos deles. O dinheiro que conseguiam com as vendas das revistas permitia-lhes sobreviver. Alguns deles gastavam o dinheiro nos seus vícios, outros usavam-no

para pagar dívidas. Na sua maioria, usavam-no para comprar comida para esse dia. E para terem alguma autoestima.

Afinal de contas, era um trabalho e recebiam dinheiro por isso. Não estavam a surripiar coisas, a roubar nas lojas ou a assaltar reformados. Só o faziam se as coisas dessem mesmo para o torto. Alguns deles. Mas, na maioria, orgulhavam-se das suas táticas de vendas.

Além disso, não era um trabalho fácil. Havia dias em que podiam passar 10 ou 12 horas no seu posto sem conseguir vender uma única revista. Com um tempo horrível e ventos glaciais. Nesses dias, não era nada divertido entrar à socapa para um anexo qualquer com a barriga vazia e tentar adormecer antes de os pesadelos chegarem.

Mas hoje era dia de nova edição. Era geralmente motivo de regozijo entre os presentes. Com um pouco de sorte, conseguiriam vender um monte de revistas no primeiro dia. Mas não havia vestígios de alegria na redação. Pelo contrário. Estava a realizar-se uma reunião de emergência.

Mais um dos seus companheiros havia sido gravemente espancado na noite anterior. Benseman, o nortenho, aquele que lera imensos livros. Tinha ossos partidos em todo o corpo, o baço rebentado, e os médicos haviam passado a noite inteira a tentar estancar a hemorragia interna. O rececionista fora ao hospital de manhã cedo.

— Vai sobreviver... mas tão cedo não o vamos ver.

Os outros acenaram com a cabeça. Pesarosos. Tensos. Não era o primeiro ataque que acontecia nos últimos tempos, era na realidade o quarto, e todas as vítimas haviam sido sem-abrigo, como o jornal lhes chamava. E acontecera sempre da mesma maneira. Alguns jovens procuravam-nos num local onde costumassem encontrar-se e espancavam-nos. Davam-lhes umas valentes sovas, além de filmarem toda a cena e publicarem na Internet.

Isso quase que era o pior. Uma verdadeira humilhação. Como se não passassem de sacos de pancada num documentário real sobre violência como forma de entretenimento.

E quase igualmente tão difícil de aceitar era o facto de os quatro serem vendedores da *Situation Sthlm*. Seria apenas coincidência? Havia quase cinco mil sem-abrigo em Estocolmo e apenas uma pequena percentagem correspondia a vendedores.

— Estarão apenas a implicar connosco?

— Por que carga de água haveriam de fazê-lo?

Era evidente que não havia uma resposta. Para já. Mas era suficientemente desagradável para assustar o grupo ali reunido, que já estava abalado.

— Eu arranjei gás pimenta.

Quem o disse foi Bo Fast. Todos olharam para ele. Toda a gente conhecia Bo. Tinha um nome bastante estúpido, que, quando pronunciado como uma só palavra, adquiria um significado totalmente diferente; *bofast* significava «residente permanente». Há anos que tinham deixado de gozar com ele por causa disso. Então, Bo pegou no seu gás pimenta para que todos pudessem ver.

— Sabes que isso é ilegal — disse Jelle.

— O quê?

— Esses sprays.

— E depois? Espancar pessoas é legal?

Jelle não tinha uma resposta para aquela pergunta. Estava encostado a uma parede ao lado de Arvo Pärt. Vera encontrava-se um pouco mais distante. Desta vez, não abriu a boca. Reagira mal quando Pärt lhe telefonara para lhe contar o que acontecera a Benseman poucos minutos depois de ela e Jelle terem deixado o parque. Estava convencida de que poderia ter impedido a agressão se tivesse ficado por lá, mas Jelle não era da mesma opinião.

— Que raio podias ter feito?

— Lutado com eles! Viste como derrubei aqueles gajos que tentaram sacar-nos os telemóveis em Midsommarkransen!

— Mas esses estavam podres de bêbados e um deles era quase anão.

— Bem, nesse caso, tinhas de me dar uma ajuda, não é?

Então, Vera não proferiu palavra. Comprou um molho de revistas; Pärt também comprou um molho, mas Jelle só pôde comprar cinco revistas.

Saíram juntos para a rua e, subitamente, Pärt começou a chorar. Encostou-se à fachada áspera e levou uma mão encardida ao rosto. Jelle e Vera fitaram-no. Compreendiam-no. Ele estivera lá e assistira a tudo sem nada poder fazer. Agora, as recordações assaltavam-no.

Vera passou delicadamente o braço pelos ombros de Pärt e encostou a cabeça dele ao seu ombro. Sabia como ele estava fragilizado.

Tinha por nome verdadeiro Silon Karp e era oriundo de Eskilstuna, filho de dois refugiados estónios. Mas durante uma *trip* de heroína noturna numas águas-furtadas em Brunngatan, passara os olhos por um velho jornal com uma fotografia do tímido compositor e ficara espantado com as extraordinárias semelhanças. Entre Karp e Pärt. Pura e simplesmente, viu o seu sócia. Depois, durante o transe seguinte, transmutou-se no seu sócia, e os dois tornaram-se um só. Ele era Arvo Pärt. Desde então, passara a dar pelo nome de Pärt e, ao constatar que as pessoas

com quem andava pouco se importavam com o seu nome, passou a ser Pärt. Arvo Pärt.

Trabalhara imensos anos como carteiro e entregara correspondência nos subúrbios do sul de Estocolmo, mas o seu nervosismo e a sua avidez por opiáceos haviam-no arrastado para aquela que era agora a sua desarraigada existência. Um sem-abrigo a vender a revista *Situation Sthlm*.

Agora, estava ali a chorar encostado ao ombro de Vera Zarolha, inconsolável, lamentando o que acontecera a Benseman, lastimando a sangrenta e terrível cena, toda a violência. Mas, acima de tudo, chorava porque a vida era como era.

Vera afagou-lhe o cabelo emaranhado e olhou para Jelle, e Jelle olhou para o seu monte de revistas. Depois, foi-se embora.



Olivia virou, passou pelos portões da academia em Sörentorp e estacionou o carro imediatamente à direita. Destacava-se um pouco, entre outros carros cinza-escuros de vários tipos. Ela não tinha nada contra isso. Perscrutou o céu e pensou se deveria fechar a capota, mas decidiu não o fazer.

— E se começa a chover?

Olivia virou-se. Ulf Molin. Um sujeito da sua idade que frequentava o mesmo curso. Um sujeito que tinha um extraordinário talento para se acercar de Olivia sem que ela desse por ele. Agora, aparecera na traseira do carro. *Será que ele me vai seguir?*, pensou Olivia.

— Nesse caso, terei de fechar a capota.

— A meio da aula?

Aquele tipo de conversa sem sentido agastava-a. Pegou na bolsa e começou a caminhar. Ulf seguiu-a.

— Viste isto? — Ulf seguia ao lado dela com um tablet elegante.

— É aquela agressão de ontem ao sem-abrigo.

Olivia olhou de relance e viu Benseman ensanguentado a sofrer vários pontapés em diversas partes do corpo.

— Foi publicado no mesmo site da Internet — disse Ulf.

— No *Trashkick*?

— Sim.

Tinham falado sobre esse site no dia anterior na academia; todos ficaram bastante perturbados. Um dos formadores explicara como tinham

publicado o primeiro vídeo e uma hiperligação no 4chan.org, um site visitado por milhões de jovens. O vídeo e o site tinham sido prontamente sinalizados e o conteúdo eliminado, mas muita gente já tinha visto a hiperligação, por isso tornara-se viral. A hiperligação era para o site trashkick.com.

— Mas não podem fechá-lo agora?

— Está provavelmente alojado num servidor obscuro da *web*, o que não é propriamente fácil para a polícia rastrear e fechar.

O formador explicara-lhes isso.

Ulf guardou o tablet.

— Este já é o quarto vídeo que publicam... nojento.

— O quê, que espanquem pessoas ou que publiquem na Internet?

— Bem... as duas coisas.

— E o que achas pior?

Ela sabia que não deveria iniciar uma conversa, mas tinham de percorrer cerca de 200 metros até chegarem ao edifício da academia, e Ulf seguia na mesma direção. Além disso, ela gostava de levar as pessoas a dizerem o que pensavam. Não sabia porquê. Poderia ser apenas uma maneira de manter a distância. Atacar.

— Acho que está tudo interligado — disse Ulf. — Espancam as pessoas para poderem publicar na Internet e, se não tivessem um site onde publicar, talvez não as espancassem.

Muito bem, pensou Olivia. Uma frase longa, um raciocínio coerente, uma reflexão sensata. Se fosse um pouco menos sorrateiro e um pouco mais inteligente, sem dúvida que subiria uns pontos na consideração dela, e Olivia era exigente. Além disso, ele era bem-apegoado e uns bons centímetros mais alto do que ela, com um cabelo castanho-escuro encaracolado.

— Então, o que vais fazer hoje à noite? Queres ir beber uma cerveja ou qualquer coisa?

Ah, agora voltara ao nível de antes.

A SALA DE AULA ESTAVA praticamente cheia. A turma de Olivia tinha 24 alunos, divididos em quatro grupos. Ulf não estava no seu grupo. Åke Gustafsson, o orientador, estava de pé ao lado do quadro. Tinha 50 e poucos anos e uma longa carreira na polícia. Era muito conhecido na academia. Havia quem já o achasse entredote. Olivia achava-o encantador. Gostava das suas fartas sobrancelhas, daquelas que parecem ter

vida própria. Agora, tinha uma pasta numa mão. Havia um monte delas na mesa ao lado.

— Visto que vamos seguir caminhos diferentes dentro de dias, lembrei-me de uma coisa, um pouco fora do âmbito do curso, algo que poderão fazer durante as férias de verão, e é puramente facultativo. Tenho aqui uma pasta com diversos casos antigos de assassínios por resolver na Suécia. Fui eu próprio quem os reuniu. A minha ideia é escolherem um e fazerem a vossa própria análise à investigação, tentando perceber o que se poderia ter feito de maneira diferente com as técnicas de investigação policial atuais: ADN, análise geográfica, vigilância eletrónica e coisas desse género. Trata-se de um pequeno exercício sobre como os casos antigos podem ser abordados. Alguém tem dúvidas?

— Então, não é obrigatório?

Olivia olhou de relance para Ulf. Ele tinha sempre de perguntar alguma coisa só por perguntar. Åke já dissera que era facultativo.

— É puramente facultativo.

— Mas pode beneficiar as nossas notas, certo?

Quando a aula acabou, Olivia dirigiu-se à mesa e pegou num processo. Åke acercou-se dela e apontou para a pasta que ela tinha na mão.

— O seu pai trabalhou num desses casos.

— Ai, sim?

— Sim, achei que seria interessante incluí-lo.

OLIVIA SENTOU-SE NUM BANCO a alguma distância do edifício da academia, perto de três homens. Estavam os três em silêncio — eram feitos de bronze. Um deles era Bengtsson, conhecido vigarista de outros tempos. Olivia nunca ouvira falar dele.

Os outros dois eram Tumba-Tarzan e o agente Björk. Este último tinha um chapéu de polícia no colo. Alguém pousara uma lata de cerveja vazia em cima dele.

Olivia abriu a pasta. Não fizera planos para se dedicar a trabalhos académicos durante as férias, e ainda para mais sendo facultativo, mas, graças a isso, conseguira sair da sala de aula, pelo que não tinha de ficar a ouvir Ulf palrar por tudo e por nada.

No entanto, agora estava curiosa. O pai estivera envolvido num dos casos.

Folheou apressadamente o processo. Os resumos eram pouco extensos. Alguns factos sobre métodos, locais e datas, um pouco sobre



as investigações. Ela estava bastante habituada à nomenclatura policial. Durante a infância, ouvira os seus pais a debater processos jurídicos à mesa da cozinha. A sua mãe, Maria, era advogada criminal.

Encontrou o caso quase no fim da lista. Arne Rønning fora um dos agentes envolvidos na investigação. Inspetor-chefe da Brigada Anticrime Nacional. Pai.

Olivia ergueu o olhar e abarcou a paisagem. A academia ficava situada no meio de uma zona rural praticamente imaculada, com vastos relvados bem arrançados e belas áreas de arvoredos que se alongavam até à baía, Edsviken. Um ambiente extremamente sereno.

Não conseguia deixar de pensar em Arne. Amara profundamente o pai, e agora ele estava morto, tendo vivido apenas 59 anos. Não era justo. E agora os sentimentos estavam de volta. Aqueles que experimentava frequentemente e que a faziam sentir uma dor física. Os pensamentos da sua traição. Da forma como o traíra.

Durante a adolescência, haviam sido extremamente chegados, e depois ela desiludira-o aquando da sua súbita doença. Fora para Barcelona estudar espanhol, trabalhar, descontraír... divertir-se um pouco.

*Limitei-me a fugir, pensou ela. Embora não o tenha percebido naquele momento. Escapuli-me porque não queria enfrentar o facto de ele estar doente e de poder piorar — de poder, efetivamente, morrer.*

Mas morrera. Quando Olivia não estava presente. Quando ainda estava em Barcelona. Ainda se lembrava do telefonema da mãe.

— O pai morreu durante a noite.

Olivia esfregou os olhos delicadamente e pensou na mãe. Recordou os tempos após a morte do pai, quando regressara de Barcelona. Uns tempos terríveis. Maria ficara devastada e fechara-se no seu próprio pesar. E, nesse pesar, não houvera lugar para a culpa ou para a angústia de Olivia. Pelo contrário, haviam convivido em silêncio, sem proferirem uma palavra, como se temessem que o mundo inteiro desabasse se dessem voz às suas emoções.

As coisas acabaram por acalmar, é claro, mas continuava a ser algo de que sentiam pejo em falar. Para não dizer pior.

Na verdade, ainda sentia a falta do pai.

— Encontrei algum caso?

Era Ulf, que se materializara diante dela como só ele sabia fazer.

— Encontrei.

— Qual?

Olivia olhou para o seu processo.

— Um caso ocorrido na costa oeste.

— Quando foi isso?

— Em 1987.

— Porque escolheste esse?

— Encontraste alguma coisa? Ou não queres ter trabalho? Quero dizer, a tarefa é facultativa.

Ulf brindou-a com um ténue sorriso e sentou-se no banco.

— Importas-te que eu me sente aqui?

— Importo.

Olivia não tinha papas na língua. Além disso, queria concentrar-se no caso que acabara de escolher.

O caso em que o pai trabalhara.

ACABOU POR PERCEBER QUE SE TRATARA de um caso bastante peculiar. Åke redigira um resumo tão interessante que Olivia ficou logo com vontade de obter mais informações.

Foi de carro até à Biblioteca Nacional e desceu à cave, onde ficava a sala de leitura com todos os jornais antigos em microfilme. A bibliotecária explicou-lhe como encontrar artigos nas prateleiras e que leitores de microfilme podia utilizar. Estava tudo meticulosamente organizado. Todos os jornais desde a década de 1950 estavam agora em microfilme. Tudo o que tinha de fazer era escolher o jornal e o ano, sentar-se junto ao leitor e analisar os dados.

Olivia começou por um jornal local com notícias sobre a ilha de Nordkoster. O *Strömstads Tidning*. Tinha na pasta a data e o local do crime. Quando iniciou a função de pesquisa, não tardou a que as manchetes enchessem o ecrã: MACABRO ASSASSÍNIO NA COSTA DA ILHA. O artigo fora redigido por um jornalista moderadamente entusiasmado, mas que efetivamente revelava alguns factos fiáveis e verificáveis sobre a hora e o local.

Ficou arrebatada. Passou as horas seguintes a consultar os jornais regionais, o *Bohuslänningen* e o *Hallandsposten*, e depois a alargar o âmbito da investigação a pouco e pouco. Os jornais de Gotemburgo. Os vespertinos sedeados em Estocolmo. Os grandes diários nacionais.

E tirou apontamentos. Febrilmente. Dados importantes e pequenos pormenores.

O caso atraía as atenções do país inteiro. Por vários motivos. Tratara-se de um assassinio deliberadamente brutal, tendo a vítima sido uma

jovem grávida, e desconheciam-se os autores. Não havia suspeitos. Não se apontaram motivos. Nem sequer se sabia o nome da vítima.

Desde então, o caso permanecera um mistério por deslindar.

Olivia estava cada vez mais fascinada, pelo caso enquanto fenómeno, mas acima de tudo pelo assassinio propriamente dito. Acontecera numa noite de luar nas enseadas de Hasslevikarna, na ilha de Nordkoster. Um método diabólico para ceifar a vida a uma mulher grávida despojada de roupas. Com a maré.

A maré-cheia?

Era pura e simplesmente uma tortura, pensou Olivia. Uma forma extrema de afogamento. Lenta, diabólica.

Porquê? Porquê um método tão espetacular?

A imaginação de Olivia estava num rodopio. Haveria alguma ligação com o oculto? Veneradores de marés? Veneradores da Lua? O assassinio acontecera ao início da noite. Teria sido algum tipo de sacrifício? Um ritual? Alguma seita? Quereriam ceifar o feto e sacrificá-lo a algum deus lunar?

Não, não se deveria deixar levar pela imaginação, pensou.

Olivia desligou o leitor, recostou-se e consultou o bloco de notas repleto de apontamentos: uma miscelânea de factos e especulações, verdades e suposições, e hipóteses mais ou menos credíveis lançadas por diversos jornalistas policiais e criminologistas.

De acordo com uma «fonte fidedigna», haviam sido encontrados vestígios de uma droga no corpo da vítima. *Rohypnol*. O *Rohypnol* é uma conhecida droga de violação, pensou Olivia, mas a vítima não estava na fase final da gestação? Fora sedada? Porquê?

De acordo com a polícia, fora encontrado nas dunas um casaco escuro. Havia sido identificados fios de cabelo idênticos aos da mulher no casaco. Se o casaco lhe pertencia, onde estavam as outras roupas? Teriam os assassinos levado as outras roupas e esquecido o casaco?

Havia tentado determinar a identidade da mulher através da Interpol, mas todos os esforços haviam sido em vão. Era estranho que ninguém tivesse dado pela falta da grávida, pensou ela.

A polícia descrevera a mulher como tendo entre 25 e 30 anos, possivelmente de origem latino-americana. O que quereriam dizer com «origem latino-americana»? Que área abrangeria?

Toda a sequência de eventos fora testemunhada por um rapaz de 9 anos, que um repórter local dizia chamar-se Ove Gardman. O rapaz

fora a correr para casa e alertara os pais. Onde estaria ele hoje em dia? Conseguiria ela encontrá-lo?

De acordo com relatos da polícia, a mulher estava inconsciente, mas ainda viva, quando os pais de Gardman chegaram à praia. Tentaram reanimá-la, mas, quando a ambulância chegou, já a encontrou morta. A que distância ficaria a residência dos Gardman? Quanto tempo demoraria um helicóptero a chegar lá?

Olivia levantou-se. Tinha a mente num turbilhão de impressões e reflexões. Ao levantar-se, quase perdeu o equilíbrio. A tensão arterial caíra-lhe a pique.

AFUNDOU-SE NO ASSENTO DO CARRO na Humlegårdsgatan à porta da biblioteca e sentiu o estômago a reclamar. Para aplacar a fome, comeu uma barra de cereais que tinha no porta-luvas. Estivera várias horas na sala de leitura da biblioteca e ficou bastante surpreendida ao aperceber-se de como já era tarde. O tempo passara num ápice lá em baixo. Olivia passou os olhos pelo bloco de notas. Percebeu como ficara fascinada com o antigo caso da praia. Não apenas por Arne ter trabalhado nele, isso era um bônus, mas por causa de todos os extraordinários ingredientes. Acima de tudo, um pormenor em específico fixara-se na sua mente: nunca haviam descoberto a identidade da mulher assassinada. Era, e continuava a ser, uma desconhecida. Ao fim de tantos anos.

Esse facto instigou Olivia. Queria saber mais.

Se o seu pai estivesse vivo, o que lhe poderia revelar?

Pegou no telemóvel.

ÅKE GUSTAFSSON ESTAVA COM UMA MULHER de meia-idade no relvado bem tratado da Academia de Polícia. A mulher era romena e responsável pelo *catering* da academia. Ofereceu um cigarro a Åke.

— Hoje em dia já pouca gente fuma — afirmou.

— Pois é.

— Deve ser por causa do cancro.

— É provável.

E, então, fumaram.

A meio do cigarro, o telemóvel de Åke começou a tocar.

— Olá, é a Olivia Rønning. Pois, eu escolhi aquele caso de Nordkoster e gostaria de...

— Já calculava — interveio Åke. — O seu pai esteve envolvido nesse...

— Sim, mas não foi por isso.

Olivia não queria confusões. Tratava-se dela e do presente. Não tinha nada que ver com o pai. Pelo menos, no que dizia respeito ao seu orientador. Ela escolhera um projeto e iria desenvolvê-lo à sua maneira. Ela era assim.

— Escolhi-o porque o considero interessante — afirmou.

— Mas bastante complicado.

— Sim, foi por isso que lhe liguei. Gostaria de consultar o verdadeiro processo do crime. Onde posso encontrá-lo?

— Provavelmente nos arquivos centrais em Gotemburgo.

— Ai, sim? Que pena.

— Mas também não poderia consultá-lo.

— Porque não?

— Porque se trata de um crime por resolver que ainda não prescreveu. Ninguém pode ter acesso a uma investigação em curso, a menos que integre a equipa de investigação.

— Pois, compreendo... Então, o que faço agora? Como posso obter mais informações?

Fez-se silêncio do outro lado da linha.

OLIVIA PERMANECEU SENTADA AO VOLANTE com o telemóvel encostado ao ouvido. Em que estaria ele a pensar? Avistou uma agente da autoridade a aproximar-se, com ar de poucos amigos. Tinha o carro estacionado num lugar reservado a deficientes. Não era boa ideia. Ligou o motor no preciso momento em que voltou a ouvir a voz de Åke.

— Pode tentar falar com a pessoa que foi responsável pela equipa de investigação — propôs.

— Chama-se Tom Stilton.

— Eu sei.

— Onde posso encontrá-lo?

— Não faço ideia.

— Na esquadra de polícia?

— Não creio. Mas no seu lugar perguntava à Olsäter, a Mette Olsäter, que é detetive superintendente. Eles trabalharam juntos em bastantes casos. Talvez ela saiba.

— E onde posso encontrá-la?

— Na Brigada Anticrime Nacional, edifício C.

— Obrigada!

Olivia arrancou mesmo debaixo do nariz da polícia de trânsito.

---

— *Situation Stockholm!* Última edição! Leia sobre a princesa Victoria e ajude os sem-abrigo!

A voz de Vera Zarolha fazia-se ouvir facilmente no meio da multidão de abastados moradores do elegante bairro de Sofo, no sul de Estocolmo, que se dirigiam ao complexo do mercado para encherem os sacos com comida de plástico e artigos de luxo. Vera tinha a aparência de quem podia perfeitamente atuar no Teatro Nacional. Assemelhava-se à atriz Margaretha Krook no auge da carreira, embora Vera parecesse bastante mais andrajosa. Mas tinha aquele mesmo olhar acutilante, uma presença imponente e um carisma que não passavam despercebidos.

Os exemplares dela estavam a ter saída. Já vendera metade do seu molho.

Arvo Pärt não tivera a mesma sorte. Não estava a conseguir vender nada. Encontrava-se encostado a uma parede a alguma distância. Não estava nos seus dias e não queria estar sozinho. Olhou para Vera pelo canto do olho. Admirava-lhe a força. Sabia bastante sobre as suas noites sombrias, a maioria das pessoas do seu círculo sabia. Porém, ali estava ela agora como se fosse dona do mundo. Uma sem-abrigo. A menos que se considere que uma *roulotte* cinzenta e decrépita da década de 1960 possa ser um abrigo.

Mas Vera considerava.

— Eu não sou uma sem-abrigo.

Foi isso que disse a um freguês que lhe comprou uma revista e que queria ter um vislumbre do mundo da escória da sociedade. Pornografia social?

— É um abrigo temporário.

Em parte, era verdade. O seu nome constava da lista de «Alojamento Urgente» da autarquia, um projeto de cariz político que visava dar a impressão de que estavam a melhorar a situação dos sem-abrigo da cidade. Haviam-na informado de que, com um pouco de sorte, ser-lhe-ia atribuído um apartamento no outono. Um apartamento à experiência. Se tivesse um bom comportamento, poderia ficar nele.

Vera pretendia ter um bom comportamento. Tinha sempre um bom comportamento. Quase sempre. Tinha a sua *roulotte* e uma pensão de

invalidez de pouco mais de 5000 coroas por mês. Sobrevivia com isso, mas dava para cobrir apenas as suas necessidades mais básicas. Para conseguir o resto, tinha de remexer nos caixotes do lixo. E estava a safar-se.

— *Situation Stockholm!*

Acabara de vender mais três revistas.

— Vais mesmo ficar aqui?

Quem fez a pergunta foi Jelle. Parecia ter surgido do nada com as suas cinco revistas e colocara-se bastante perto de Vera.

— Sim? E depois?

— Esta é a zona do Benseman.

Cada vendedor tinha a sua zona demarcada na cidade. Estava escrito no crachá de plástico que traziam pendurado ao pescoço, juntamente com o respetivo nome. O crachá de Benseman dizia «Benseman/Mercado Söder».

— O Benseman tão cedo não vem para aqui — retorquiu Vera.

— A zona é dele. Foi-te atribuída temporariamente?

— Não, e a ti?

— Não.

— Então, o que estás aqui a fazer?

Jelle não respondeu. Vera deu um passo na direção dele.

— Tens alguma coisa contra eu estar aqui?

— É uma zona boa.

— Pois é.

— Podemos partilhá-la? — indagou Jelle.

Vera esboçou um sorriso e olhou para Jelle. Era aquele tipo de olhar que o fazia retroceder o mais depressa possível. Como agora. Pousou o olhar no chão. Vera acercou-se dele, inclinou-se e tentou fitá-lo nos olhos desde baixo. Era tão fácil como apanhar uma truta com a mão. Impossível. Jelle desviou o olhar. Vera soltou uma gargalhada que levou imediatamente quatro famílias com crianças a desviarem-se com os seus carrinhos de marca.

— Jelle! — disse ela, rindo.

Pärt desencostou-se da parede. Iria haver chatices? Sabia que Vera era uma mulher temperamental. Jelle era imprevisível. Consta que viera lá de longe, do arquipélago. Alguém dissera de Rödlöga? O pai era caçador de focas! Mas dizia-se tanta coisa, e tão pouca era fundamentada. E, agora, o alegado caçador de focas estava à porta do mercado a ter uma altercação com Vera.

Ou fosse lá o que fosse que eles estavam a fazer.

— O que vem a ser este barulho?

— Não há barulho nenhum — redarguiu Vera. — Eu e o Jelle nunca fazemos barulho. Eu só lhe digo como são as coisas e ele olha para o chão. Não é assim?

Vera virou-se para Jelle, mas ele já se afastara. Encontrava-se agora a 15 metros dela. Não iria discutir com Vera por causa da zona de Benseman. Na verdade, estava a borrfifar-se para a zona onde Vera vendia as suas revistas. Isso era lá com ela. Tinha 56 anos e, na verdade, estava a borrfifar-se para praticamente tudo.



Olivia conduziu o carro naquele final de tarde de verão, rumo a Söder. Fora um dia intenso. Começara mal, Ulf Molin importunara-a como era habitual, mas ela depois deparara-se com aquele caso de homicídio e, subitamente, as coisas tinham começado a correr muito bem. Por diversas razões. Privadas e outras.

As horas que passara na Biblioteca Nacional haviam deixado a sua marca. Pensou como era estranho o rumo que os acontecimentos haviam levado. Completamente diferente dos planos que fizera. Contara em breve estar de férias de verão após uma dura e intensa labuta — na academia durante a semana e a trabalhar aos fins de semana no estabelecimento prisional de Kronoberg. Depois desse período, planeava acalmar um pouco. Conseguira juntar algum dinheiro que lhe permitiria sobreviver durante algum tempo. A ideia era embarcar num *charter* barato de última hora. Além disso, há quase um ano que não tinha relações sexuais. Também planeava fazer alguma coisa quanto a isso.

E depois acontecia isto?

Talvez, afinal de contas, pudesse esquecer aquele caso de homicídio? Era facultativo, não era? Então, recebeu um telefonema de Lenni.

— Estou?

Lenni era a sua melhor amiga, dos últimos anos na secundária. Uma rapariga que andava sempre à deriva e que procurava desesperadamente algo a que se agarrar para não ir ao fundo. Como sempre, queria ir dar uma volta pela cidade, ver o que estava a acontecer, com medo de perder alguma coisa. Agora, juntara-se a quatro colegas para não perder de vista Jakob, o rapaz em quem andava interessada. Lera no *Facebook* que, naquela noite, ele iria até ao cais de Hornstull.



— Tens de vir connosco! Vai ser divertido! Vamos encontrar-nos no Lollo's às 20 horas e...

— Lenni...

— Sim?

— Não posso ir, tenho de... é um trabalho para a academia. Tenho de tratar disto esta noite.

— Mas o Erik, o amigo do Jakob, também vai e ele tem perguntado imenso por ti! E é giro de morrer! É perfeito para ti!

— Pois, mas eu não posso ir.

— Livia, não sejas desmancha-prazeres! Precisas mesmo de uma queca se queres ficar em forma!

— Fica para outra vez.

— Ultimamente dizes sempre a mesma coisa! Então, está bem, mas não me culpes se perderes a oportunidade!

— Fica descansada. Espero que isso com o Jakob resulte!

— Pois, faz figas! Beijos e abraços!

Olivia não teve tempo de retribuir os beijos e abraços antes de Lenni desligar. Lenni já ia a caminho de outro lugar, um lugar onde havia ação.

Mas porque é que recusara o convite? Estava a pensar em rapazes precisamente antes de receber o telefonema de Lenni. Ter-se-ia mesmo transformado naquela pessoa enfadonha que Lenni dissera? Um trabalho para a academia?

Porque teria dito aquilo?

OLIVIA DEITOU ALGUMA COMIDA de gato fresca no recipiente e esvaziou o caixote de areia. De seguida, sentou-se ao lado do portátil. Teria gostado mesmo era de um banho, mas o ralo tinha um problema qualquer e, sempre que tirava a tampa, a água escorria para o chão, e agora não estava com cabeça para tratar disso. Trataria do assunto no dia seguinte. Colocá-lo-ia na sua lista de tarefas a realizar, que já vinha a adiar desde meados da primavera.

Em vez disso, abriu o *Google Earth*. Nordkoster.

Ainda a fascinava a ideia de se sentar em casa diante de um ecrã e simplesmente deixar-se pairar até ao nível das janelas de edifícios e residências do mundo inteiro. Sentia sempre um arrepio ao fazê-lo. Quase como um *voyeur*.

Só que agora os arrepios eram diferentes. Quanto mais ampliava a ilha, a paisagem, as pequenas artérias, as casas, quanto mais se aproximava do

destino, mais forte o arrepio se tornava. Até que chegou. Hasslevikarna. As enseadas da zona norte da ilha.

Quase como uma pequena baía, pensou. Tentou aproximar a imagem o máximo possível, e a imagem era bastante distinta. Conseguia lobrigar as dunas de areia por cima e a praia. A praia onde a mulher grávida fora enterrada. Lá estava, diante dela, no ecrã. Pardacenta, granulada.

Começou logo a imaginar o local onde a mulher teria sido enterrada.

Teria sido aqui? Ou acolá? Onde teriam encontrado o casaco?

E onde é que o menino estaria escondido a assistir a tudo? Teria sido junto às rochas na zona ocidental da praia? Ou na zona oriental? Junto às árvores?

Subitamente, percebeu com se sentia agastada por não conseguir aproximar-se mais. Aproximar-se até ao fim. Quase até enterrar os pés na areia. Estar lá.

Mas não podia. Aquilo era o melhor que conseguia. Desligou o computador. Agora, iria conceder-se uma cerveja. Uma cerveja como a que Ulf lhe falara duas vezes, mas iria beber uma cerveja sozinha, em casa, sem ter de confraternizar com os colegas de turma no *pub*. Sozinha.

Olivia gostava de ser solteira. Podia viver a vida a seu bel-prazer. Nunca tivera qualquer problema com o sexo oposto, muito pelo contrário. Ao longo da infância e adolescência, pudera confirmar que era atraente. Primeiro, todas aquelas fotografias muito queridas dela em criança e todos aqueles vídeos de férias que Arne fizera, protagonizados pela pequena Olivia. Depois, todos aqueles olhares de admiração ao entrar para o mundo dos crescidos. Durante algum tempo, divertira-se a usar óculos de sol e a observar sob a sua proteção todos os rapazes que conhecia. O modo como os olhares deles a procuravam e só a largavam depois de ela desaparecer de vista. Não tardara a faltar-se disso. Sabia quem era e o que tinha. O que lhe dava uma sensação de segurança. Pelo menos nessa área.

Não tinha de andar à caça. Como Lenni.

Olivia tinha a mãe e o apartamento, dois quartos pintados de branco com soalho de madeira. Não era mesmo dela, era arrendado a um primo que trabalhava no Conselho de Comércio Exterior da Suécia na África do Sul. Ia lá ficar durante dois anos. Entretanto, Olivia ficava a viver no apartamento. Com a mobília dele.

Só tinha de suportar isso.

E tinha *Elvis*, é claro. O gato que ficara com ela após um tórrido relacionamento com um jamaicano sexy, um tipo que conhecera no Nova

Bar, na Skånegatan. Primeiro, sentira-se surpreendentemente excitada e, depois, apaixonara-se por ele.

Segundo a versão que lhe contara, tinha sido o contrário.

Durante quase um ano, tinham viajado, rido e feito sexo, mas então ele encontrara uma rapariga que conhecia «lá da terra», conforme dissera. E ela era alérgica a gatos. Por isso o gato ficara na Skånegatan. Olivia batizara-o de *Elvis* após a partida do jamaicano. Ele chamava-lhe *Ras Tafari*, o nome por que dava Hailé Selassié antes da década de 1930.

Ela gostava mais de *Elvis*. Agora, adorava aquele gato quase tanto como o *Mustang*. Acabou de beber a cerveja. Soube-lhe bem.

Quando estava prestes a abrir uma segunda cerveja, reparou por acaso no teor alcoólico e percebeu que era muito mais forte do que a primeira, e que mal almoçara. Nem sequer jantara. Quando estava embrenhada em algo, a comida tornava-se secundária. Agora, sentia que deveria dar algo ao estômago, para assim combater a ligeira sensação de tonturas. Deveria descer e comprar uma pizza?

Não. Aquela sensação de vertigem até que era agradável.

Levou a segunda lata de cerveja para o minúsculo quarto e deixou-se cair em cima da cama. Na parede em frente, estava pendurada uma comprida e fina máscara de madeira branca-acinzentada. Um dos objetos de arte africana do primo. Ainda não percebera bem se gostava dela ou não. Havia noites em que despertava de um sonho sombrio e via o luar refletido na ampla boca da máscara. Não era propriamente agradável. Olivia deixou o olhar vaguear até ao teto e, subitamente, percebeu que não verificava o telefone há várias horas! Nem parecia dela. O telemóvel fazia parte integrante da sua indumentária. Nunca se sentia totalmente vestida sem o telemóvel no bolso. Pegou nele e desbloqueou-o. Consultou os e-mails, as mensagens e o calendário, e acabou num site de televisão sueco. Ver as notícias antes de adormecer até calhava bem!

— *Mas, então, o que vai fazer?*

— *Não posso vir aqui revelar os nossos planos.*

A pessoa que não podia ir ali revelar planos no noticiário da noite chamava-se Rune Forss, um inspetor-chefe da polícia de Estocolmo, com 50 e poucos anos, pensou ela. Era o responsável pela investigação de uma série de agressões perpetradas contra sem-abrigo. Um caso que não deixava Forss a pular de alegria, pensava ela. Parecia pertencer à velha guarda. À parte da velha guarda que pensava que o que acontecia

a muitas pessoas era culpa delas próprias. Fosse qual fosse o motivo. Principalmente, no que concernia àqueles que provocam descatos, e ainda mais àqueles que não conseguiam arregaçar as mangas, arranjar emprego e comportar-se como as outras pessoas.

Para eles, em grande medida, essas pessoas eram culpadas da situação em que se encontravam.

Não era decididamente uma atitude que ensinavam na Academia de Polícia, mas toda a gente sabia que existia. No seio de alguns grupos. Alguns dos colegas de curso de Olivia tinham já sido contaminados por esse mesmo jargão.

— *Vai infiltrar-se na comunidade de sem-abrigo?*

— *Infiltrar-me?*

— *Sim, agir como um sem-abrigo, integrar-se na comunidade deles. Para apanhar os criminosos.*

Quando Rune Forss finalmente compreendeu o que estavam a pedir-lhe, pareceu ter dificuldade em omitir um sorriso.

— *Não.*

Olivia desligou o telemóvel.



Se fosse uma história enternecedora, um daqueles sem-abrigo estaria sentado numa cadeira simples à cabeceira do homem gravemente ferido. Teria alisado os cobertores do homem com as mãos e tentado transmitir-lhe uma centelha de esperança. Mas numa história real, uma história fiel aos acontecimentos, os rececionistas do hospital telefonaram para a segurança no preciso momento em que Vera Zarolha atravessou o corredor a caminho dos elevadores. Os seguranças intersestaram-na num corredor próximo do quarto de Benseman.

— Não pode estar aqui!

— Porque não? Só vim visitar um amigo que...

— Queira seguir-nos!

E Vera foi então retirada das instalações.

O que é um eufemismo para dizer que os seguranças acompanharam uma Vera a barafustar, passando por pessoas que os fitaram espantados, até ao átrio e depois como que a empurraram para a rua. Fizeram-no de uma forma desnecessariamente brutal e profundamente embaraçosa, não obstante o facto de ela desbobinar todos os seus direitos humanos. Ou a sua própria versão desses direitos.

Mas teve de sair. Para a noite estival. Foi assim que começou a longa caminhada até à sua *roulotte* nos bosques de Solna. Sozinha. Numa noite em que andavam à solta jovens violentos e o inspetor-chefe Rune Forss adormecera confortavelmente sobre a barriga.

## 2

**A** mulher que acabara de levar à boca uma enorme garfada de bolo de natas com maçapão tinha os lábios pintados de vermelho, muito cabelo grisalho e crespo, e «volume». Fora assim que o marido a descrevera em determinada ocasião: «A minha mulher tem volume.» Significava isso que era uma mulher bastante corpulenta, facto que algumas vezes a agastava, outras não. Quando isso a incomodava, tentava diminuir o volume, com resultados praticamente impercetíveis. Nas outras alturas, simplesmente sentia-se bem da maneira como era. Agora, estava sentada no seu espaçoso gabinete no edifício C da Brigada Anticrime Nacional a comer um bolo às escondidas, ouvindo distraidamente o boletim noticioso na rádio. Uma empresa denominada MWM — Magnuson World Mining — acabara de receber o galardão de Empresa Sueca do Ano no Estrangeiro.

*A notícia foi hoje recebida com fortes protestos por parte de vários setores da sociedade. A empresa tem sido fortemente criticada pelos seus métodos de extração de coltan no Congo. Estas foram as palavras que o diretor-geral, Bertil Magnuson, dirigiu aos seus críticos...*

A mulher que estava a comer o bolo desligou o rádio. Estava familiarizada com o nome Bertil Magnuson, associado a um desaparecimento na década de 1980.

Olhou para uma fotografia que tinha na beira da secretária. Era da sua filha mais nova, Jolene. A rapariga sorria para ela, com um sorriso peculiar e olhos enigmáticos. Tinha síndrome de Down e 19 anos. *Minha querida Jolene*, pensou a mulher, *o que te reserva esta vida?* Ia pegar no último pedaço de bolo quando alguém bateu à porta. Apressou-se

a esconder o bolo por detrás de umas caixas de arquivo em cima da secretária e virou-se para a porta.

— Entre!

A porta abriu-se e espreitou por ela uma jovem. Quando olhava de frente, o olho esquerdo não ficava exatamente paralelo com o direito — tinha um ligeiro estrabismo. Trazia o cabelo preto apanhado num puxo desgrenhado.

— Mette Olsäter? — indagou o puxo desgrenhado.

— O que deseja?

— Posso entrar?

— O que deseja?

O puxo desgrenhado pareceu não compreender se aquela resposta queria dizer que podia entrar ou não. Ficou especada na soleira da porta, deixando-a entreaberta.

— Chamo-me Olivia Rønning e sou formanda da Academia de Polícia. Procuo Tom Stilton.

— Porquê?

— Estou a trabalhar num projeto sobre um caso que ele investigou e tenho de lhe fazer algumas perguntas.

— De que caso se trata?

— De um homicídio ocorrido em Nordkoster em 1987.

— Entre.

Olivia entrou e fechou a porta. Havia uma cadeira diante da secretária de Olsäter, mas Olivia não se atreveu a sentar-se nela. Não sem ser convidada. Além de corpulenta, a mulher que estava por trás da secretária parecia bastante autoritária.

Detetive superintendente.

— Qual é o âmbito desse projeto?

— Estamos a analisar investigações a casos antigos de homicídios e a tentar perceber o que se poderia ter feito de maneira diferente na atualidade, com recurso a métodos modernos.

— Um exercício de casos arquivados?

— Mais ou menos isso.

O silêncio abateu-se sobre a sala. Mette olhou pelo canto do olho para o pedaço de bolo. Sabia que a rapariga o conseguiria ver se a convidasse a sentar-se na cadeira, por isso não convidou.

— O Stilton já não trabalha cá — informou, bruscamente.

— Ah, OK. Há quanto tempo?

— Isso importa?

— Não, eu... mas talvez ele pudesse esclarecer as minhas dúvidas, apesar de já não trabalhar cá. Porque já não trabalha cá?

— Motivos pessoais.

— Onde trabalha agora?

— Não faço ideia.

Parecia um eco de Åke Gustafsson, pensou Olivia.

— Sabe onde posso encontrá-lo?

— Não.

Mette Olsäter fitou Olivia sem pestanejar. A mensagem era inequívoca. Para ela, a conversa acabara.

— Bem, obrigada na mesma.

Deu por si a fazer uma vénia quase impercetível antes de se encaminhar para a porta. A meio do caminho, virou-se para trás e encarou Mette.

— Tem uma coisa qualquer, um bocado de creme ou assim, no queixo.

Depois, apressou-se a fechar a porta.

Mette — com a mesma rapidez — passou uma mão pelo queixo e limpou o creme.

Que chatice. Mas simultaneamente engraçado. Mårten, o seu marido, daria umas boas gargalhadas essa noite. Ele adorava situações embaraçosas.

Mas estava menos agradada com o facto de Rønning andar à procura de Tom. Provavelmente não o encontraria, mas só de ouvir o nome dele Mette ficara com a cabeça a andar à roda. Não gostava de que as outras pessoas lhe deixassem a cabeça a andar à roda.

Mette era do tipo analítico. Brilhante investigadora com um intelecto hiperativo e uma capacidade impressionante para realizar várias tarefas em simultâneo. Não era exagero, foram essas qualidades que a levaram a ocupar o cargo que ocupava. Uma das investigadoras de homicídios mais experientes do país. Uma mulher que conseguia manter a cabeça fria quando os colegas mais sensíveis se deixavam enredar em emoções irrelevantes.

Mette nunca permitia que isso acontecesse. Havia, porém, um ponto no seu cérebro que se deixava agitar. Em raras ocasiões. Essas ocasiões estavam quase sempre relacionadas com Tom Stilton.

OLIVIA DEIXOU O GABINETE de Mette com uma sensação de... sim, de quê? Não sabia ao certo. De que aquela mulher talvez não tivesse apreciado o facto de ela perguntar por Tom Stilton. Mas porquê? Durante vários



anos, ele fora o responsável pela investigação do homicídio de Nordkoster e, depois, haviam encerrado o caso. E agora tinha deixado a polícia. Mas não tinha importância. De certeza que conseguiria encontrar Stilton sozinha. Ou, então, desistiria do caso, se fosse assim tão complicado. Mas não podia fazer isso. Ainda não. Não tão facilmente. De qualquer forma, ainda tinha várias maneiras de obter informações agora que estava na sede da polícia.

Uma delas era Verner Brost. E agora ia a meio de um corredor sombrio, vários metros atrás dele.

— Se faz favor!

O homem abrandou um pouco. Estava quase a entrar na casa dos 60 e já ia atrasado para o almoço. Parecia estar com cara de poucos amigos.

— Diga.

— Olivia Rønning.

Olivia aproximara-se dele e estendera-lhe a mão. Sempre tivera um aperto de mão firme. Detestava apertar uma mão frouxa. Verner Brost tinha um desses apertos de mão frouxos. Fora recentemente nomeado chefe do departamento de casos arquivados de Estocolmo. Investigador experiente, com uma boa dose de cinismo, e uma genuína vocação, um bom funcionário público em todos os sentidos.

— Só queria saber se está a fazer alguma coisa em relação ao caso da praia.

— Que caso da praia?

— O homicídio ocorrido em Nordkoster em 1987.

— Não.

— Conhece o caso?

Brost perscrutou atentamente aquela jovem persistente.

— Conheço.

Olivia ignorou o tom propositadamente cauteloso.

— Porque não consta da sua agenda?

— Não está acessível.

— Acessível? O que quer dizer com...

— A menina já almoçou?

— Não.

— Nem eu.

Verner Brost deu meia-volta e seguiu caminho para o Plum Tree, a cantina do pessoal que ficava no edifício da polícia.

Que arrogante, pensou Olivia, e sentiu-se tratada com tanta condescendência como era suposto dadas as circunstâncias.

*Não está acessível?*

— O que quer dizer com «não está acessível»?

Olivia seguira Brost, dois passos atrás dele. Avançou para a cantina como um robô, colocou alguma comida e uma cerveja num tabuleiro, e procurou um lugar sem abrandar o ritmo. Agora, estava sentado a uma pequena mesa, completamente concentrado no almoço. Olivia sentara-se defronte dele.

Não tardou a perceber que o organismo daquele homem precisava urgentemente de alimento. Proteínas, calorias, açúcar. Era inequivocamente um grave problema.

Esperou algum tempo antes de dizer o que tinha para dizer.

Não teve de esperar muito. Brost comeu a uma velocidade impressionante e recostou-se na cadeira com um arrotto que não se esforçou por ocultar.

— O que quis dizer com «não está acessível»? — voltou a perguntar.

— Quis dizer que não tenho motivos para reabrir a investigação — disse Brost.

— E porquê?

— O que é que sabe sobre isso?

— Frequento o terceiro período da Academia de Polícia.

— Por outras palavras, sabe pouco.

Mas sorriu ao dizer aquilo. Satisfizera as suas necessidades fisiológicas. Agora, podia permitir-se uma breve conversa. Talvez conseguisse convencê-la a oferecer-lhe uma bolacha de chocolate e menta para acompanhar o café.

— Se vamos pegar num caso, uma premissa básica é estarmos aptos a aplicar-lhe algo a que não tinham acesso no passado.

— ADN? Análise geográfica? Declarações de novas testemunhas?

Afinal, sabe alguma coisa, pensou Brost.

— Sim, esse tipo de coisas, ou alguma prova técnica nova, ou caso encontremos algo que tenha passado despercebido na investigação inicial.

— Mas isso não aconteceu no caso da praia?

— Não.

Brost sorriu indulgentemente. Olivia retribuiu-lhe o sorriso.

— Quer que lhe traga um café? — ofereceu-se ela.

— Sim, seria simpático da sua parte.

— Quer alguma coisa a acompanhar?

— Uma bolacha de chocolate e menta vinha mesmo a calhar.

Olivia não se demorou. Fez a pergunta seguinte antes de pousar o café na mesa.

— Tom Stilton estava encarregue da investigação, não estava?

— Estava.

— Sabe onde posso encontrá-lo?

— Ele já não trabalha na polícia. Deixou-nos há muitos anos.

— Eu sei, mas ainda está em Estocolmo?

— Não sei. Durante uns tempos, correu o rumor de que teria ido para o estrangeiro.

— Oh, pois... que pena... então vai ser difícil encontrá-lo.

— Pois vai.

— Porque deixou o serviço? Não era assim tão velho, pois não?

— Não.

Olivia reparou no modo como Brost mexia o café com o evidente propósito de evitar o olhar dela.

— Então, porque foi embora?

— Motivos pessoais.

Olivia pensou que não deveria insistir. Não devia meter o bedelho naqueles motivos pessoais. Não tinham qualquer relação com o projeto para a academia. Porém, Olivia era assim.

— Como estava a bolacha? — indagou.

— Uma delícia.

— Quais foram os motivos pessoais?

— Não sabe o significado de «pessoais»?

Afinal, a bolacha não estava assim tão deliciosa.

OLIVIA SAIU DO EDIFÍCIO da polícia na Polhemsgatan. Sentia-se irritada. Não gostava de chegar a becos sem saída. Meteu-se no carro, pegou no portátil, abriu um motor de busca e escreveu «Tom Stilton».

Surgiram diversos artigos, todos relacionados com a polícia, exceto um. Uma notícia de um incêndio numa plataforma petrolífera ao largo da Noruega em 1975. Um jovem sueco fora considerado um herói depois de salvar a vida de três trabalhadores noruegueses. O sueco chamava-se Tom Stilton e tinha 21 anos. Olivia descarregou uma cópia do artigo. Depois, começou a procurar Tom Stilton em todos os sites de diretórios. Não constava do *Eniro*, o registo de moradas nacional online. Também não encontrou qualquer sinal dele nos outros sites. Nenhum resultado. Nem sequer no *Birthday.se*. Só por descargo

de consciência, pesquisou também no registo automóvel. A mesma coisa.

Aquele homem não existia. Teria emigrado, conforme Brost lhe dissera? Era bem possível que estivesse na Tailândia com um cocktail na mão a gabar-se das suas investigações de homicídio a umas boazonas embriagadas. Ou talvez não. Talvez tivesse outras inclinações? Homossexual?

Não, nada disso. Pelo menos, não nos velhos tempos, já que fora casado com a mesma mulher durante dez anos. Marianne Boglund, especialista forense, uma espécie de coordenadora. Finalmente, Olivia encontrara Stilton no registo civil da autoridade fiscal.

O nome dele constava do registo. Com morada, mas sem número de telefone. Olivia tomou nota da morada.



Praticamente do outro lado do mundo, numa pequena aldeia costeira da Costa Rica, um idoso estava sentado a pintar as unhas com verniz transparente. Encontrava-se no terraço de uma casa extraordinária e chamava-se Bosques Rodriguez. Daquele local privilegiado, conseguia vislumbrar o mar de um lado. Do outro, a floresta tropical subia a encosta de uma montanha. Toda a vida ali vivera, no mesmo local, na mesma casa extraordinária. Costumava ser conhecido como o «velho dono do bar de Cabuya». Hoje em dia, não sabia como era conhecido. Raramente se deslocava a Santa Teresa, onde ficava o seu antigo bar. Achava que o local perdera a alma. Provavelmente devido aos surfistas e aos turistas que para lá afluíam aos magotes e faziam os preços disparar em flecha. Até o da água.

Bosques esboçou um sorriso.

Os estrangeiros bebiam sempre de garrafas de plástico, pelas quais pagavam preços escandalosos e que depois deitavam fora. De seguida, colavam cartazes a exortar a que todos protegessem o ambiente.

Mas o grande suco de Mal País não é assim, pensou Bosques. De forma alguma.

**«Uma trama intrincada sobre delinquência social e crimes ao mais alto nível, que se desenvolve num crescendo de suspense até chegar a um final arrebatador.»**

***Publishers Weekly***

Olivia Rönning é uma estudante da Academia de Polícia de Estocolmo que tem de escolher um crime não resolvido no passado para comprovar se, com os recursos tecnológicos atuais, seria possível desvendar o caso. E um terrível crime suscita o seu interesse: o homicídio de uma mulher grávida, em 1987, numa praia, em noite de maré viva.

Olivia retoma a investigação do crime e, em busca de pistas, procura Tom Stilton, o inspetor responsável pelo caso, descobrindo que este desapareceu de forma misteriosa.

Simultaneamente, surge a notícia de espancamentos a pessoas sem-abrigo nas ruas de Estocolmo, cujos requintes de crueldade chocam a opinião pública: os atos de extrema violência são filmados pelos agressores e divulgados na Internet.

Determinada a desvendar o crime, Olivia acaba por descobrir que Tom Stilton é, atualmente, um sem-abrigo. Tom está mais interessado em vingar os crimes perpetrados contra os seus pares do que em ajudar Olivia, mas juntos acabarão por unir esforços e desenterrar um passado com revelações surpreendentes.

**«*Maré Viva* começa com um homicídio terrível e termina com uma grande surpresa. Pelo meio surgem personagens cativantes, cenários perturbadores, e suspense capaz de manter qualquer fã de thrillers acordado horas a fio. Espantoso e memorável.»**

**PETER ROBINSON, AUTOR BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES***

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-05-0



9 789898 869050

Thriller